A tela como espelho – a busca pelo corpo perfeito e suas consequências

Gisela Vasconcellos Monteiro; Carla Cristina Borges Santos

UNISANTA – Universidade Santa Cecília
Email para contato: gisela@unisanta.br

A tela tornou-se uma realidade diante da pandemia, de tal forma que a grande maioria dos processos educativos em 2020 foi feita com sua mediação. Através dela os corpos foram expostos, observados, analisados e comentados num fluxo contínuo, exacerbando ainda mais a busca pelo corpo perfeito.

O tema é controverso e permite abordagem de diferentes pontos de vista. Neste texto serão adotadas duas perspectivas: da Psicologia Social e da Clínica. O primeiro questionamento diz respeito a existência de um corpo perfeito. Quais seriam os critérios de perfeição? As referências estéticas falam de proporções e simetrias.

Consultas ao oráculo *google* com a expressão “corpo perfeito” apontam para sites relacionados a nutrição: dietas, suplementos, segredos de alimentação para emagrecer; atividade física: adequadas a cada parte do corpo para moldá-lo melhor e vestuário: para valorizar ou aparentar um corpo perfeito.

Temas mais ligados à saúde física e mental vêm depois, a referência estética predomina, mas esta varia segundo época e lugar, tempo e espaço.

A partir de meados do século XX até os dias de hoje os principais parâmetros são dados pelo cinema, pelas modelos dos desfiles de Paris, Nova York, Milão e Tóquio e pelas celebridades. Uma beleza que representa população de centros urbanos ocidentais, educada e culta. De outro modo, o padrão do belo é dado pela indústria da moda e da beleza.

Duas expressões são muito usadas: d*itadura da beleza* e *padrão* i*mposto pela mídia*. A imposição da mídia só seria possível numa ditadura, um sistema de governo autoritário, com supremacia do poder executivo e restrição dos direitos individuais, no qual há controle e censura da mídia de fato.

A mídia, portanto, mais reflete que impõe esse padrão. As referências estéticas contemporâneas são apresentadas através de artistas, modelos e modelos e celebridades. Há uma enorme indústria que se sustenta através da busca pelo corpo perfeito com uma infinidade de produtos para atingi-la.

Os adolescentes e jovens adultos são mais bombardeados por esta busca porque sua identidade ainda está sendo construída e é, portanto, instável. Para David Levisky (2015), seguir um padrão de grupo social e de faixa etária é

o chão que o sustenta. O jovem que se identifica com o grupo atenua os conflitos pessoais.

Por outro lado, há um movimento em diferentes espaços sociais que propõe uma liberdade maior de referências estéticas. Uma democratização da moda e dos corpos. Modelos *plus size*, mais velhas, de diferentes etnias e raças vem ocupando a publicidade de forma mais representativa da realidade.

Vozes menos tradicionais são cada vez mais ouvidas. O movimento feminista que foi retomado com vigor faz seu papel de espernear sobre qualquer forma de preconceito contra a mulher.

Por outro lado, a psicologia individual oferece uma perspectiva que explica como se desenvolve a relação do indivíduo com seu corpo.

O corpo estabelece a fronteira entre o interno e o externo. O esquema corporal é a figura que se forma no interior do aparelho psíquico, relativo à forma e ao tamanho do seu próprio corpo, e os sentimentos derivados dessa impressão. A imagem inconsciente se estabelece ao longo da vida a partir das emoções e sensações precoces, desenvolvidas nas relações com os pais. Essa imagem é baseada no contato com o corpo do outro e passa necessariamente pela função alimentar.

Como receptor das excitações internas e externas, o ego as recebe através de toda a superfície corporal e permite a distinção entre dentro e fora, interior e exterior. Cabe ao ego administrar essas excitações. Ele é, antes de tudo, corporal, a projeção de uma superfície. O corpo psicanalítico, portanto, é habitado pela pulsão, pela linguagem e é diferente do corpo biológico.

O investimento da mãe no corpo do indivíduo garante tanto sua sobrevivência como sua constituição como sujeito desejante em seu próprio corpo. Para isso, é preciso que a mãe sinta prazer no contato com o corpo de seu bebê e que reconheça, com palavras, o prazer que o bebê experimenta.

Se não houver o investimento libidinal dentro dessas premissas, a organização autoerótica pode não acontecer. Não se trata de prazer no sentido adulto, mas de uma satisfação pelo contato. O outro é parte fundamental na constituição do sujeito psíquico, é quem transforma o corpo biológico em erógeno e oferece condições para que o corpo seja habitado pela linguagem, pela simbolização. De forma resumida, a libidização do corpo percorre um caminho:

Satisfação das necessidades básicas → autoerotismo → narcisismo → relação objetal

O desenvolvimento comprometido desse processo de libidinização, associado aos aspectos sociais, culturais e biológicos, resultam na incidência de transtornos alimentares como a bulimia, anorexia e *binge eating*; assim como os transtornos de imagem. Os transtornos alimentares são patologias complexas, de difícil manejo clínico e exigem um tratamento interdisciplinar cuidadoso e paciente.

A intersecção entre o social e o individual é o caminho para se refletir sobre o papel das telas e da busca pelo corpo perfeito. O percurso de democratização da estética corporal é extremamente valioso, e pode contribuir para que a liberdade prevaleça sobre a ditadura estética, favorecendo a criatividade e a diversidade.

REFERÊNCIAS BILIOGRÁFICAS:

FERNANDES, M. H. **Transtornos alimentares**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

_____. **Corpo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

LARA, B., RANGEL, B.; MOURA, P.; MALAQUIAS, T**. #Meu Amigo Secreto – Feminismo além das redes.** Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016.

https://psicanaliseblog.com.br/2015/06/22/adolescencia/

http://super.abril.com.br/comportamento/metro-de-londres-proibe-propagandas-com-pessoas-perfeitas

http://chic.uol.com.br/moda/noticia/marca-plus-size-questiona-padroes-de-beleza-da-victoria-s-secret-relembre-outras-campanhas-com-modelos-reais

http://bust.com/feminism/17134-plan-b-article.html